

## Paráfrase de contos de fada: um olhar para a flutuação do narrador em narrativas infantis

### Paraphrasing fairy tales: a look at the narrator's fluctuation in children's narratives

Adriane Karine Mariano Anicias<sup>1</sup>

Cristiane Carneiro Capristano<sup>2</sup>

Edson Carlos Romualdo<sup>3</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa, de caráter qualitativo-interpretativista, tem por objetivo compreender as flutuações do tipo de narrador, dentro de uma mesma narrativa, construída de forma parafrástica. Essas flutuações foram identificadas em enunciados escritos, produzidos por alunos do 5º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, de uma escola da rede pública do município de Paranavaí-PR. A base teórica da pesquisa funda-se em uma visão enunciativo-discursiva de escrita, construída a partir das proposições de Corrêa (2004) e Authier-Revuz (2004) e das reflexões sobre letramento desenvolvidas por Kleiman (2008), Soares (2009) e Tfouni (1994, 2013). Os resultados apontam que a flutuação do tipo de narrador verificada nos enunciados examinados emerge da relação dialógica da criança com outros dizeres e é determinada pela identificação das escreventes com uma imagem idealizada do gênero feminino: a figura da princesa. Nesse sentido, pode-se concluir que as flutuações de narradores constituem lugar de movência da criança entre as posições de um outro e as dela mesma.

**Palavras-chave:** flutuação do narrador; paráfrase; escrita infantil; contos de fada.

**Abstract:** This qualitative-interpretative research aims to understand the fluctuations of the type of narrator, within the same narrative, constructed in a paraphrastic way. These fluctuations were identified in written statements produced by students of the 5th year of Elementary School – Early Years, from a public school in the municipality of Paranavaí-PR. The theoretical basis of the research is based on an enunciative-discursive vision of writing, built from the propositions of Corrêa (2004) and Authier-Revuz (2004) and reflections on literacy developed by Kleiman (2008), Soares (2009) and Tfouni (1994, 2013). The results indicate that the fluctuation in the type of narrator verified in the utterances examined in the research emerges from the child's dialogic relationship with other sayings and is determined by the identification of the writers with an idealized image of the female gender: the figure of the princess. In this sense, it could be concluded that the fluctuations of narrators constitute the child's place of movement between the positions of another and her own.

**Keywords:** narrator fluctuation; children's writing; fairy tales; heterogeneity.

---

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil. Endereço eletrônico: [adrianeanicias@gmail.com](mailto:adrianeanicias@gmail.com).

<sup>2</sup>Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil. Endereço eletrônico: [cccpristano@uem.br](mailto:cccpristano@uem.br).

<sup>3</sup>Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, PR, Brasil. Endereço eletrônico: [ecromualdo@uol.com.br](mailto:ecromualdo@uol.com.br).

## Introdução

Os atos de ouvir e contar histórias são atividades elementares, que acompanham a criança em toda a sua trajetória escolar. Desde muito pequenas, quando iniciam os primeiros anos de escolarização, as crianças são convidadas a circular pelo mundo dos contos de fadas e por ele são acompanhadas continuamente nos anos escolares seguintes, até que esses contos se tornem tão familiares que a criança é capaz de reproduzi-los, sem muita dificuldade, utilizando somente sua memória, construída nos seus muitos encontros com as histórias infantis<sup>4</sup>.

Em uma dessas atividades de reprodução, baseada na reescrita de contos populares infantis e aplicada em uma escola da rede pública do município de Paranavaí-PR, observou-se uma peculiaridade na forma como algumas histórias foram narradas. Crianças do 5º ano do Ensino Fundamental – Anos Iniciais (doravante EF-AI) contaram suas histórias a partir de flutuações de posições narrativas, ou seja, oscilaram, dentro de sua própria narrativa, entre o narrador heterodiegético e o narrador autodiegético<sup>5</sup>.

Para Reis e Lopes (1988), as terminologias *narrador heterodiegético* e *narrador autodiegético* foram introduzidas nos estudos narratológicos por Genette. O primeiro refere-se aos casos nos quais “o narrador relata uma história à qual é estranho, uma vez que não integra nem integrou, como personagem, o universo diegético em questão” (REIS e LOPES, 1988, p.121). Já o segundo refere-se aos acontecimentos em que o narrador “relata as suas próprias experiências como personagem central dessa história” (REIS e LOPES, 1988, p.118).

Tendo como objetivo compreender o que motivou a flutuação entre os tipos de narrador nas narrativas das crianças, esta pesquisa está embasada teoricamente em uma visão enunciativo-discursiva de escrita, construída a partir das proposições de Corrêa (2004) e Authier-Revuz (2004) e das reflexões sobre letramento desenvolvidas por Kleiman (2008), Soares (2009) e Tfouni (1994, 2013). A hipótese de partida é a de que a flutuação na posição do narrador seria índice da relação dialógica da criança com outros dizeres e seria determinada pela identificação das escreventes com uma imagem idealizada do gênero feminino.

Com a finalidade de explorar essa hipótese e confirmar ou rejeitar tal proposição, este artigo desenvolve-se em mais quatro seções principais além desta. São elas: Aspectos teóricos,

---

<sup>4</sup> Embora o foco deste trabalho esteja na escola como o lugar em que as práticas de letramento literário acontecem, é importante considerar que os eventos de letramento originados em outras práticas, além das escolares, também contribuem para a construção da memória das crianças sobre as histórias infantis. Não se deve descartar, por exemplo, o quanto essas histórias infantis podem ter povoado, desde muito cedo, as práticas cotidianas das crianças, em suas interações com familiares e em mídias distintas, como a televisão e o cinema.

<sup>5</sup> Os narradores heterodiegético e autodiegético correspondem, de modo geral, aos denominados narradores em terceira pessoa e em primeira pessoa. A terminologia escolhida, compreendida a partir das observações de Reis e Lopes (1988), permite demonstrar melhor a movência da criança de fora (hétero) para dentro (auto) da história (diegese).

na qual será discutida a relação entre o suporte teórico e o objeto de análise; Aspectos metodológicos, na qual será detalhada a construção do corpus da pesquisa; Resultados e discussões, em que os dados serão analisados e discutidos; e, por fim, Considerações finais, na qual são apresentadas reflexões sobre as principais conclusões da pesquisa.

## **Aspectos teóricos**

### **A escrita heterogênea da criança**

Esta pesquisa, como antecipado, baseia-se em uma visão enunciativo-discursiva de escrita, como proposta por Corrêa (2004), considerando a escrita como um modo de enunciação heterogêneo, constituída por meio da circulação dialógica do escrevente por práticas sócio-históricas do oral/falado e do letrado/escrito.

Esse dialogismo, considerado como o princípio “constitutivo da linguagem e de todo discurso” (BARROS, 1999, p.36), se constrói nas representações imaginárias formuladas pelo sujeito em seu momento como escrevente “sobre a sua escrita, sobre o outro, e sobre si mesmo[a]” (CORRÊA, 2001, p.10) e é determinado por pontos ou “eixos que orientam a circulação do escrevente pelo imaginário sobre a escrita” (CORRÊA, 2004, p.10).

Dentre esses eixos, destaca-se aquele definido como *a dialogia com o já falado/escrito e com o já ouvido-lido*, por colocar o escrevente “em contato não só com tudo quanto teve de experiência oral, como também com a produção escrita em geral e com uma produção escrita particular” (CORRÊA, 2004, p.11). Nesse sentido, esse eixo atua “[...] na base do processo de constituição da escrita e do sujeito escrevente, na medida em que fornece ao escrevente o fundamento de linguagem que lhe permite colocar-se em relação com o outro.” (CORRÊA, 2004, p.237-8).

O eixo da dialogia com o já falado/escrito e com o já ouvido-lido liga-se, então, a uma dimensão constitutivamente dialógica da linguagem, que se constrói na interação entre sujeitos sócio-históricos, que também são construídos pelo atravessamento de outros dizeres e valorações. Portanto, nessa concepção dialógica, tanto sujeito como discurso “se constituem pela negociação com outros sujeitos e discursos” (CORRÊA, 2004, p.229) por meio de práticas sociais de oralidade e letramento.

A natureza dialógica da linguagem, e mais especificamente do modo de enunciação escrito, traz para as representações do escrevente a figura do outro, que é a “*condição do discurso*” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 46, grifo da autora) e fator imprescindível para a concepção do próprio escrevente, já que, como afirma Barros (1999), a alteridade é o fator

essencial para definir o ser humano, sendo impossível pensar o homem sem considerar as necessárias relações que o ligam ao outro.

Authier-Revuz (2004) define a presença desse outro por meio de duas formas de heterogeneidade, a saber, a *constitutiva* e a *mostrada*. A primeira funda-se na ideia de que os sujeitos e os discursos se constroem através de um Outro sempre constitutivo e onipresente, que “não depende de uma abordagem linguística” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.21), permanece implícito no fio discursivo. A segunda atribui “ao outro um lugar linguisticamente descritível, claramente delimitado no discurso” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.21), que pode estar explicitamente visível na materialidade linguística, em sua forma *marcada*, ou presente no espaço discursivo “do não-explicito, do ‘semidesvelado’, do ‘sugerido’” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.18), da forma *não-marcada*.

Das formas marcadas de heterogeneidade mostrada que sinalizam a presença de uma outra voz na materialidade discursiva, destaca-se o movimento de paráfrase. Esse recurso, compreendido como uma forma de intertextualidade, é um modo de “reproduzir os elementos de um discurso já existente” (ZANI, 2003, p.123), mantendo a continuidade dos sentidos do texto original. A produção parafrástica, no entanto, não deve ser meramente confundida com uma cópia da obra referenciada, já que ocorre na forma parafraseada uma transformação, “um jogo de diferenciação em relação ao texto original sem que, contudo, haja traição ao seu significado primeiro” (SANT’ANNA, 2003, p.24).

Esse mecanismo de produção de um novo enunciado, tendo por base referências de um outro já produzido, foi utilizado na proposta de produção enunciativa que gerou os dados desta pesquisa. Tal recurso possibilitou um entrecruzamento de diálogos (i) entre os enunciados das crianças e os contos de fada, (ii) entre as posições das próprias crianças e da personagem da história e (iii) entre as práticas do oral/falado e do letrado/escrito, deixando transparecer as marcas das relações dialógicas presentes nesses enunciados e apresentando, dessa forma, a constituição heterogênea da escrita dessas crianças.

### **O letramento como o *lugar* das relações dialógicas**

De acordo com a concepção teórica assumida nesta pesquisa, a escrita é um modo de enunciação, construída por meio das relações dialógicas de um sujeito sócio-histórico, sempre imerso em práticas sociais de leitura e de escrita. Vista dessa forma, a escrita passa a ser considerada não somente como um fato linguístico, mas também como uma prática social, como delinea Corrêa (2004), quando afirma que “os fatos linguísticos do falado/escrito são práticas sociais e estão ligados, portanto, às práticas orais/letradas” (CORRÊA, 2004, p. 2).

Essa percepção de escrita enquanto prática social associa-se e está em franca relação com a noção de letramento, conceituada por Kleiman (2008) como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 2008, p. 18); por Soares (2009) como um “conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social” (SOARES, 2009, p. 72) e por Tfouni (1994) como “um processo, cuja natureza é sócio-histórica” (TFOUNI, 1994, p. 50). Todas as concepções conduzem para a conceituação de letramento como um conjunto de práticas sócio-históricas relacionadas direta ou indiretamente às atividades de leitura e de escrita. Pensada dessa forma, a escrita será sempre contextualizada e determinada por significados sociais, históricos e culturais com os quais o sujeito dialoga em suas práticas.

Nesse sentido, por meio dos estudos sobre letramento, é possível “sair da superfície linguística para ir mais além, ou seja, para buscar uma compreensão da língua juntamente com o contexto sócio-histórico em que um enunciado é proferido” (TFOUNI; MONTE-SERRAT, 2013, p.170), compreendendo que o sujeito estará sempre vinculado à sua história, cultura e ideologia, de forma que esses fatores influenciam a sua língua e, por conseguinte, ele próprio que dela se utiliza (TFOUNI; MONTE-SERRAT, 2013, p.171).

No evento de letramento do qual culminaram os dados analisados nesta pesquisa, as crianças, cujas produções apresentaram flutuação dos tipos de narrador, concretizaram, em sua escrita, um dizer determinado por significados sociais e culturais, relacionados ao gênero feminino e à idealização da imagem de princesa, que se construiu na circulação das escreventes por práticas de letramento e de oralidade.

### **A fantasia de *ser princesa***

Os contos de fadas são histórias antigas, originadas da tradição oral, que se transformaram, ao longo do tempo, e ganharam adaptações direcionadas ao público infantil. Tais histórias se popularizaram, no decorrer dos anos, e se tornaram frequentes nas práticas letradas e nas práticas orais, de forma que os enredos e as personagens desses contos passaram a integrar o imaginário infantil.

Uma dessas personagens é a figura da princesa que, na visão de Correia (2010), extrapola a imagem superficial de personagem e alcança um “modelo identitário” (CORREIA, 2010, p. 5), ao ser definida como uma representação feminina que surge massivamente nos produtos culturais para a infância” (CORREIA, 2010, p. 4). A figura da princesa permeia o universo infantil por meio dos livros, dos filmes, dos objetos, dos brinquedos e da própria

linguagem, tornando-se uma inspiração e permitindo a construção de identificações e subjetividades.

Ao entender que (...) nossas identidades são construções sociais e que estas construções se iniciam desde a infância, podemos então pensar a princesidade. Ao entrar massivamente na vida das crianças, como um ideal do ser feminino, esta se inscreve, vigiando e produzindo corpos e comportamentos. (SCHUTZ; BELLO, 2019, p. 2).

Essa forma de conceber a figura da princesa como um referencial para o gênero feminino está presente no imaginário social coletivo, “envolvendo uma idealidade de prestígio social, uma concepção estética do corpo e de felicidade aliada ao discurso de amor romântico” (CORREIA, 2010, p. 6), que estão em consonância com “o que se espera das condutas femininas ensinadas social e culturalmente” (FILHA, 2011, p.594).

Desde crianças, as mulheres são educadas por conceitos fortemente idealizados, que concebem a feminilidade por meio de padrões estéticos e comportamentais. Espera-se delas, assim como das princesas dos contos de fadas, delicadeza, submissão, paciência e obediência, bem como as características físicas dessas princesas, que são impostas ao público feminino, como forma de enquadramento aos padrões de beleza dominantes (CARVALHO; OLIVEIRA; CARVALHO, 2020, p.155).

A concepção de felicidade condicionada ao relacionamento amoroso é uma forte idealização, que reflete a fantasia feminina “de achar um príncipe encantado para amar e ser feliz para sempre” (SCHUTZ; BELLO, 2019, p.3). Após todas as dificuldades sofridas no decorrer da história, a princesa é salva pelo príncipe encantado e pela perspectiva do matrimônio, marcada no desfecho da história com o beijo de amor verdadeiro e a promessa de viver feliz para sempre.

Dowling (1984, p.13) argumenta que essa dependência de um outro é incutida socialmente nas mulheres ainda na infância, de modo sistemático, ensinando-as a acreditarem que algum dia e de algum modo serão salvas. Em suas palavras, esse “é o conto de fadas, a mensagem de vida que ingerimos juntamente com o leite materno”. A autora desenvolve, no decorrer de seu estudo, vários aspectos do que denomina Complexo de Cinderela, mostrando, por exemplo, como ele limita as mulheres em suas relações afetivas e profissionais, como afeta a visão que fazem de si mesmas e das outras mulheres.

De acordo com Correia (2010), a figura da princesa representa um modelo ideal de feminilidade, que transmite “valores sobre uma maneira de ser (...) que seduz magicamente as meninas” (CORREIA, 2010, p.v) e favorece a identificação dessas crianças com esse “modelo

de identidade desejável” (CORREIA, 2010, p.v). Nas produções escritas analisadas nesta pesquisa, foi possível observar a identificação que duas meninas tiveram com a personagem princesa *Branca de Neve*, que se deu quando as crianças se instituíram como as princesas de suas próprias histórias, com o uso do narrador autodiegético.

### Aspectos metodológicos

Como antecipado na seção introdutória, os dados analisados nesta pesquisa foram produzidos por crianças regularmente matriculadas no 5º ano do EF-AI, de uma escola da rede pública municipal de Paranaíba/PR e coletados em duas diferentes ocasiões no mês de outubro de 2021, por meio de duas atividades orientadas de produção escrita, que foram aplicadas pela professora da turma, durante as aulas de Língua Portuguesa. Cada uma das 18 crianças produziu dois textos, em duas aulas distintas, totalizando 36 produções escritas, como sintetizado no quadro abaixo:

Quadro 1 – Distribuição das propostas de escrita

Sujeitos	Sexo biológico	1ª proposta – 05/10/2021 Texto escolhido:	2ª proposta - 19/10/2021 Texto escolhido:
Sujeito 1	F	Chapeuzinho Vermelho	Branca de Neve e os Sete Anões
Sujeito 2	F	Branca de Neve e os Sete Anões	Chapeuzinho Vermelho
Sujeito 3	M	O Patinho Feio	Chapeuzinho Vermelho
Sujeito 4	M	Os Três Porquinhos	Chapeuzinho Vermelho
Sujeito 5	M	Os Três Porquinhos	Chapeuzinho Vermelho
Sujeito 6	M	Chapeuzinho Vermelho	Os Três Porquinhos
Sujeito 7	F	Branca de Neve e os Sete Anões	Chapeuzinho Vermelho
Sujeito 8	M	O Patinho Feio	Chapeuzinho Vermelho
Sujeito 9	F	Chapeuzinho Vermelho	Branca de Neve e os Sete Anões
Sujeito 10	F	Branca de Neve e os Sete Anões	Os Três Porquinhos
Sujeito 11	F	Chapeuzinho Vermelho	Branca de Neve e os Sete Anões
Sujeito 12	M	Chapeuzinho Vermelho	Os Três Porquinhos
Sujeito 13	F	Branca de Neve e os Sete Anões	Chapeuzinho Vermelho
Sujeito 14	M	Os Três Porquinhos	Chapeuzinho Vermelho
Sujeito 15	M	Branca de Neve e os Sete Anões	Os Três Porquinhos
Sujeito 16	F	Branca de Neve e os Sete Anões	O Patinho Feio
Sujeito 17	F	Chapeuzinho Vermelho	Branca de Neve e os Sete Anões
Sujeito 18	F	Os Três Porquinhos	Branca de Neve e os Sete Anões

Fonte: elaborado pelos autores.

A proposta de produção que gerou os enunciados foi desenvolvida por meio da leitura e reescrita de uma sequência lógica de imagens, baseada em adaptações populares de contos clássicos infantis, mais especificamente, nos contos *Branca de Neve* (irmãos Grimm, 1817-1822), *Os Três Porquinhos* (Joseph Jacobs, 1853), *Chapeuzinho Vermelho* (Irmãos Grimm, 1857) e *O Patinho Feio* (Hans Christian Andersen, 1843).

Cada criança foi orientada a escolher a história imagética que mais lhe agradava e, a partir da leitura das figuras representativas, reescrevê-la. Os textos disponibilizados eram compostos somente por linguagem não verbal e tinham a finalidade de permitir a recuperação das histórias por meio da memória das crianças, induzindo-as a escrever de acordo com o próprio conhecimento que elas já tinham acerca dessas narrativas, sem interferir na sua forma gráfica de escrita.

## Resultados e Discussões

Na análise das 36 produções textuais, buscou-se observar se haveria ou não flutuação dos tipos de narrador. Foi possível verificar que, em apenas 2 produções textuais, essas flutuações se fizeram presentes – ver Quadro 2. Nesses enunciados, as crianças, para contar suas histórias, utilizaram narradores distintos, que flutuaram entre o narrador heterodiegético e o narrador autodiegético, dentro da mesma narrativa.

Quadro 2 – Quantidade de histórias reescritas e oscilações do narrador identificadas

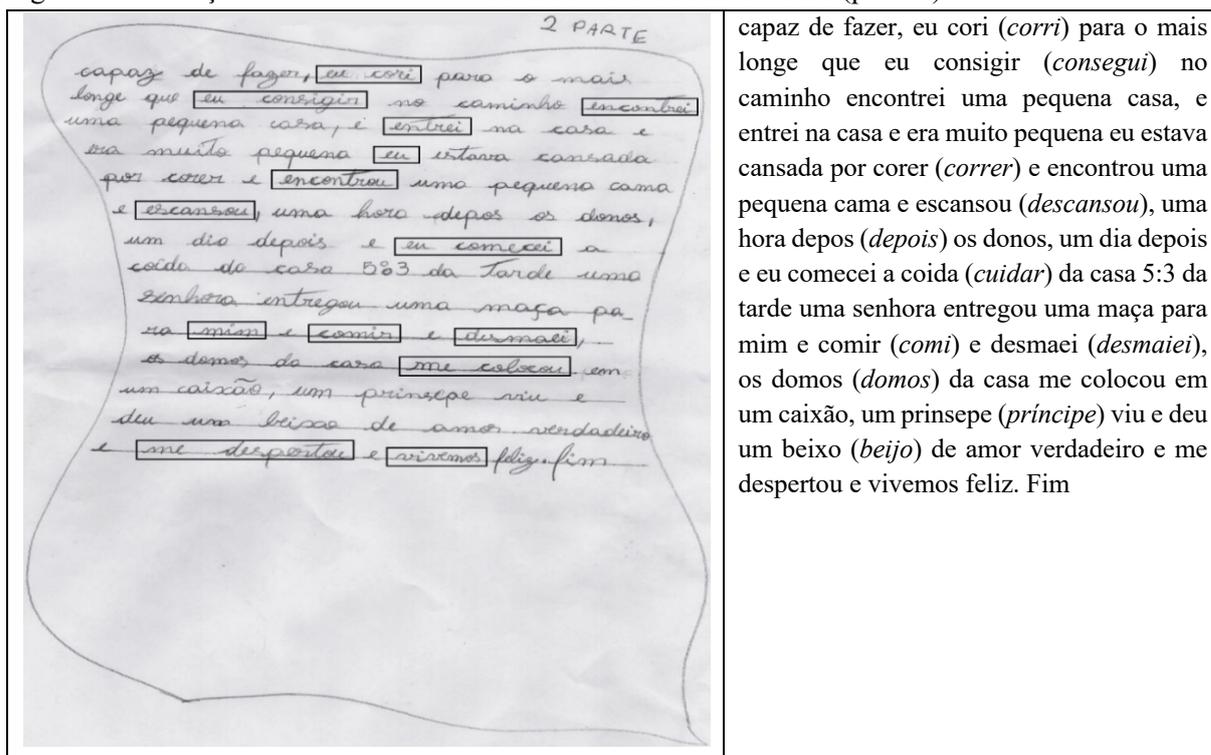
Histórias	1ª proposta				2ª proposta			
	Enunciados reescritos		Enunciados com oscilações do narrador		Enunciados reescritos		Enunciados com oscilações do narrador	
	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Masculino
Branca de Neve e os Sete Anões	05	01	02	0	05	0	0	0
Chapeuzinho Vermelho	04	02	0	0	03	05	0	0
O Patinho Feio	0	02	0	0	01	0	0	0
Os Três Porquinhos	01	03	0	0	01	03	0	0

Fonte: elaborado pelos autores.

Como é possível observar no Quadro 2, as flutuações ocorreram apenas em duas produções textuais, realizadas por dois sujeitos do sexo biológico feminino, tendo como ponto de partida a reescrita do conto *Branca de Neve e os Sete Anões*. Pelos dados sintetizados no Quadro 2, é possível verificar também que, na primeira proposta, apenas 6 crianças das 18 que participaram da atividade, optaram por produzir seus enunciados escritos a partir desse conto e, na segunda proposta, 05 crianças, totalizando 11 enunciados. Desses 11 enunciados, apenas 1



Figura 2 – Produção textual de Clara: *Branca de Neve e os Sete Anões* (parte 2)



Fonte: dados da pesquisa.

A narrativa produzida por Clara é uma paráfrase do conto *Branca de Neve e os Sete Anões*, já que possui elementos que resgatam essa história, como o espelho mágico (“*Espelho meu tem alguém mais bonita do que eu?*”); a ordem da madrasta/bruxa de matar a princesa (“*ela ficou muito brava e falou para um dos seus cavaleiros para matar ela a sua irmã*”); a casa dos anões (“*encontrei uma pequena casa*”); a maçã envenenada (“*uma senhora entregou uma maça para mim e comir e desmaei*”); e, por fim, o príncipe que salva a princesa (“*um prinsepe viu e deu um beixo de amor verdadeiro*”).

Alguns elementos, porém, diferem da história original e parecem próprios da escrita da criança, como o nome das personagens e o grau de parentesco entre a madrasta/bruxa e a princesa, que são apresentadas na história como duas irmãs, como se vê nos seguintes trechos: “*Era uma vez uma princesa linda e alegre que se chama Sthafani (...) ela tinha uma irmã mais velha a Sofia*”.

Essa distinção entre os elementos próprios da escrita da criança e os elementos constitutivos do conto, por si só, já reflete a dualidade de posições provocada pelo movimento de paráfrase. Ao mesmo tempo em que, na escrita da criança, se faz ouvir a *sua voz*, no momento em que emergem no enunciado pistas das suas vivências e conhecimentos de mundo, também se ouve a voz de *um outro*, constituída dos dizeres consolidados dos contos de fadas e

recuperada do diálogo da criança com o já falado/escrito das histórias infantis (CORRÊA, 2004).

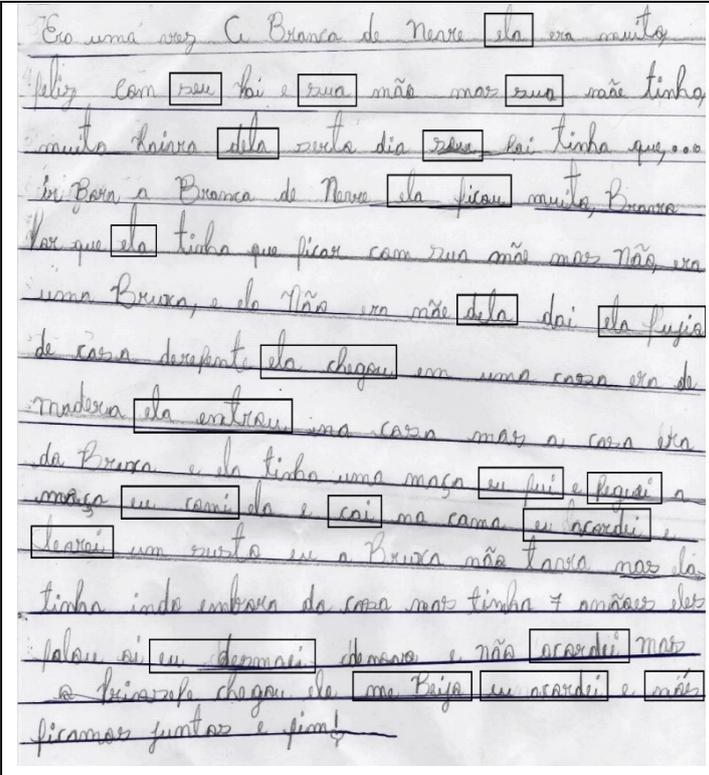
Outro aspecto a ser observado refere-se à flutuação no tipo de narrador da história. Assim como o esperado na reescrita de um conto, a produção escrita da criança é iniciada com narrador heterodiegético, observável pelo uso dos verbos em terceira pessoa (*chama e era*), bem como de pronomes pessoais e possessivo condizentes a essa pessoa (*se, ela e sua*) para se referir à princesa (“*Era uma vez uma princesa linda e alegre que se chama Sthafani ela era a princesa mais linda da sua cidade*”). Porém, ao falar da bruxa, ocorre a primeira flutuação e o narrador se torna autodiegético, marcado pelo pronome pessoal oblíquo (*mim*), como se vê no excerto “*ela tinha inveja (de) mim*”. Logo em seguida, o enunciado retorna ao narrador heterodiegético, como se lê no trecho “*falou para um dos seus cavaleiros para matar ela a sua irmã*”. A narração continua com o narrador heterodiegético até o clímax da história, quando, na fuga da princesa, retorna o narrador autodiegético, marcado pelo pronome pessoal de primeira pessoa (*eu*) e a desinência número-pessoal (*cori*), no seguinte trecho “*eu cori para o mais longe que eu consigir*”. Depois, o narrador heterodiegético reaparece quando a princesa entra na casa dos anões, como se observa no seguinte trecho “*encontrou uma pequena cama e (de)escansou*”. Prestes a encontrar a bruxa novamente, o narrador volta a ser autodiegético em “*eu comecei a coida da casa 5:3 da tarde uma senhora entregou uma maçã para mim*” e assim prossegue até o desfecho da história, no final feliz com o príncipe, como se lê em “*deu um beijo de amor verdadeiro e me despertou e vivemos feliz*”.

A forma como a história da Branca de Neve é narrada nesse enunciado, por meio de narradores diferentes, cria subjetividades distintas, que parecem indicar uma projeção da criança na própria história, pois ela deixa marcas de que se assume como personagem do conto e passa a narrar a história com *a sua própria voz* (quando assume o narrador autodiegético), ao mesmo tempo em que reproduz o “discurso de um outro em seu próprio discurso” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12), descrevendo os fatos ocorridos sem participar ativamente da história (quando assume o narrador heterodiegético).

Os momentos de possível inserção da figura da criança na história parecem ser determinados por situações conflitantes do enredo. A primeira flutuação ocorre quando a bruxa/irmã é apresentada e as demais surgem em outros momentos de clímax da história: (i) quando a princesa foge para não ser morta, (ii) quando reencontra a bruxa e come a maçã envenenada e (iii) quando tem o seu final feliz com o príncipe encantado, após o beijo de amor verdadeiro.

Na Figura 3, é reproduzido o enunciado produzido por Mariana. Nessa figura, os pronomes pessoais e os verbos, cujas desinências indicam a flexão em primeira e terceira pessoas, estão também em destaque no texto, demonstrando a flutuação entre os tipos de narrador identificados nessa história.

Figura 3 – Produção textual de Mariana: *Branca de Neve e os Sete Anões*

 <p>Era uma vez A Branca de Neve ela era muito feliz com seu pai e sua mãe mas sua mãe tinha muito raiva dela certo dia seu pai tinha que... Ir Bora a Branca de Neve ela ficou muito Brava Por que ela tinha que ficar com sua mãe mas não era uma Bruxa, e ela Não era mãe dela dai ela fugiu de casa de repente ela chegou em uma casa era de madeira ela entrou em uma casa mas a casa era da Bruxa e ela tinha uma maçã eu fui e peguei a maçã eu comi ela e cai na cama eu acordei e levantei um susto eu a Bruxa não tava (estava) nas (mais) ela tinha indo (ido) embora da casa mas tinha 7 anões eles falou oi eu desmaiei (desmaiei) de novo e não acordei mas o Príncipe chegou ele me Beijou (beijou) eu acordei e nós ficamos juntos e fim!</p>	<p>Era uma vez A Branca de Neve ela era muito, feliz com seu Pai e sua mãe mas sua mãe tinha, muita Raiva dela certo) dia seu Pai tinha que,...Ir Bora (embora) a Branca de Neve ela ficou muito, Bravo (brava) Por que ela tinha que ficar com sua mãe mas não, era uma Bruxa, e ela Não era mãe (mãe) dela dai (dai) ela fugiu (fugiu) de casa derepente (de repente) ela chegou em uma casa era de madeira (madeira) ela entrou na casa mas a casa era da Bruxa e ela tinha uma maçã eu fui e peguei a maçã eu comi ela e cai na cama eu acordei e levei um susto eu a Bruxa não tava (estava) nas (mais) ela tinha indo (ido) embora da casa mas tinha 7 anões (anões) eles falou oi eu desmaiei (desmaiei) de novo e não acordei mas o PrinsePe (príncipe) chegou ele me Beijo (beijou) eu acordei e nós ficamos juntos e fim!</p>
---	---

Fonte: dados da pesquisa.

Assim como no enunciado reproduzido nas Figuras 1 e 2, o enunciado reproduzido na Figura 3 também é uma paráfrase do conto *Branca de Neve e os Sete Anões*, já que nele se pode observar alguns elementos próprios da história original, como o nome da personagem principal (“Era uma vez A Branca de Neve”); a madrasta que era uma bruxa (“era uma Bruxa, e ela Não era mãe dela”); a maçã envenenada (“eu fui e peguei a maçã eu comi ela e cai na cama”); os sete anões (“tinha 7 anaões eles falou oi”) e o príncipe que salva a princesa (“o PrinsePe chegou ele me Beijo eu acordei e nós ficamos juntos”). Porém, também é possível observar que alguns elementos presentes na história de Mariana (Figura 3) são diferentes do conto original, como o fato da Branca de Neve fugir de casa por não querer ficar com a madrasta, como se lê no seguinte trecho “ela ficou muito, Bravo Por que ela tinha que ficar com sua mãe mas não, era uma Bruxa, e ela Não era mãe dela dai ela fugiu”; e o fato da casa encontrada por Branca de

Neve ser inicialmente da bruxa e não dos anões, como se observa em “*ela entrou na casa mas a casa era da Bruxa*”.

Esse dualismo de posições enunciativas, que se mostra, de um lado, por uma escrita constituída por criações próprias da criança e, de outro, por elementos constitutivos do conto, reflete a relação dialógica “entre o eu e o outro” (BARROS, 1994, p. 03), construída pelo movimento de paráfrase. No mesmo momento em que é possível observar, no enunciado da criança, o já dito dos contos de fada, resgatado do seu provável diálogo com o já ouvido-lido (CORRÊA, 2004, p. 11), também se podem perceber as experiências de vida e visões de mundo que emergem de sua escrita.

Essa relação dialógica entre a criança e a história parafraseada também pode ser percebida no fragmento em que o pai de Branca de Neve é citado, mesmo não sendo referenciado no texto de apoio, como se vê no seguinte trecho “*A Branca de Neve ela era muito, feliz com seu Pai*”. Esse detalhe sinaliza como os dizeres próprios das histórias infantis estão internalizados na criança e como esses dizeres se manifestam naturalmente em sua escrita. A ausência do personagem na sequência de imagens e a sua referência no texto de Mariana (Figura 3) indicam que o seu surgimento se deu no provável contato da criança com essa mesma história em outras práticas de letramento e oralidade, possibilitando, dessa forma, que esses elementos fossem recuperados e incorporados à sua escrita.

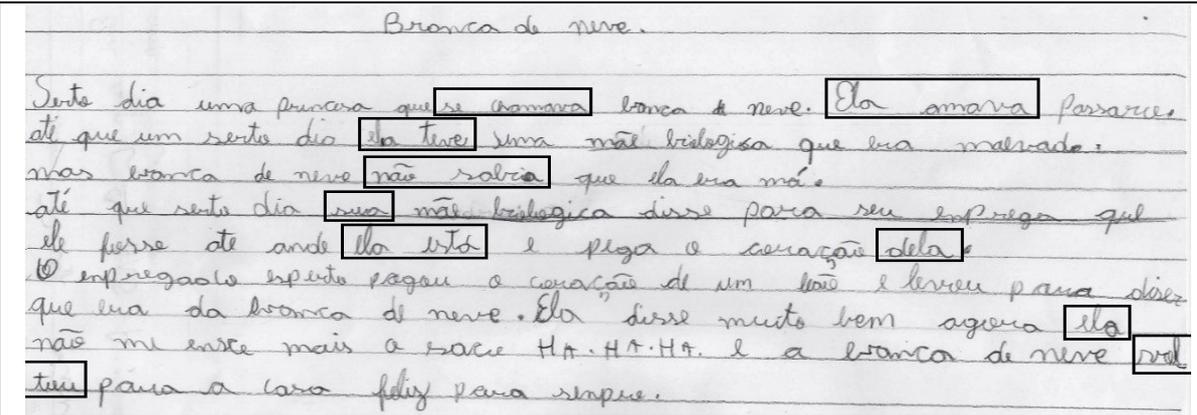
Assim como na história de Clara (Figura 1 e Figura 2), a narrativa de Mariana (Figura 3) também é construída com o uso de narradores distintos. Como o esperado, a história é iniciada com o narrador heterodiegético, marcado pelo pronome pessoal (*ela*), pela pessoa verbal (*era*) e pelos pronomes possessivos (*seu* e *sua*), como se pode observar no seguinte trecho “*Era uma vez A Branca de Neve ela era muito, feliz com seu Pai e sua mãe mas sua mãe tinha, muita Raiva dela*”. A história prossegue assim até seu clímax, quando é contado, dessa vez com o narrador autodiegético e com suas respectivas marcas de primeira pessoa, o momento em que Branca de Neve pega a maçã envenenada, como se observa no seguinte trecho “*eu fui e peguei a maçã eu comi ela e cai na cama*”. Desse momento até o desfecho da história, o narrador mantém-se como autodiegético, como se pode ver no seguinte excerto “*eu acordei e levei um susto (...) eu desmaei de novo e não acordei (...) ele me Beijo eu acordei e nós ficamos juntos*”.

É possível observar que, na história de Mariana (Figura 3), a natureza da narrativa também propicia a flutuação, que está sempre marcada em situações de tensão. Nos momentos decisivos da narrativa, iniciados com o contato da princesa com a maçã envenenada até o

desenlace da história com o beijo final do príncipe, há uma mudança do narrador heterodiegético para o autodiegético com as respectivas transições do lugar do *ela* para o *eu*.

Em contraposição aos enunciados de Clara (Figuras 1 e 2) e Mariana (Figura 3), a história de Rafael (Figura 4), assim como das outras crianças da turma, não apresenta flutuação dos tipos de narrador, como antecipamos. Sua história é contada com o narrador heterodiegético, pela perspectiva de um narrador observador e não participante da história, como pode ser constatado abaixo.

Figura 4 – Produção textual de Rafael: *Branca de Neve*


<p>Branca de neve.</p> <p>Serto (Certo) dia uma princesa que se chamava branca de neve. Ela amava passaro (pássaro). até que um certo (certo) dia ela teve uma mãe biologica (biológica) que era malvada. mas branca de neve não sabia que ela era má. Até que certo (certo) dia sua mãe biologica (biológica) disse para seu enprega (empregado) que ele fosse ate (até) ande (onde) ela está e pega o coração dela. O enpregado (empregado) esperto pogou (pegou) o coração de um leão e levou para diser (dizer) que era da bramca (branca) de neve. Ela disse muito bem agora ela não me enxe (enche) mais o saco HA. HA. HA. e a branca de neve voltou para a casa feliz para senpre (sempre).</p>

Fonte: dados da pesquisa.

A história de Rafael (Figura 4) também foi construída com base no conto *Branca de Neve e os Sete Anões*, visto que podem ser identificados em seu enunciado alguns elementos que resgatam esse conto, como o próprio título (“*Branca de Neve*”) e o desejo da madrasta/mãe biológica de receber o coração da princesa (“*sua mãe biologica disse para seu enprega(do) que ele fosse ate ande ela está e pega o coração dela*”).

Sua história, porém, diverge do conto original em relação à madrasta, que é apresentada como a mãe biológica de Branca de Neve (“*ela teve uma mãe biologica que era malvada*”) e em relação ao animal, cujo coração é arrancado pelo empregado/caçador (“*o enpregado esperto pogou o coração de um leão e levou para diser que era da bramca de neve*”). Além disso, Rafael não faz referências a outros elementos marcantes do conto, como o espelho mágico, os

sete anões e a maçã envenenada. Embora tais mudanças distanciem as duas histórias, ainda assim a escrita do aluno se constitui como uma paráfrase do conto *Branca de Neve e os Sete Anões*, já que não há uma mudança na perspectiva principal de uma história para a outra: a Branca de Neve sobrevive à investida maldosa de sua madrasta/mãe biológica.

Diferente das histórias dos sujeitos do sexo biológico feminino, o enunciado escrito por Rafael não apresenta o narrador autodiegético. Sua história é toda narrada com o narrador heterodiegético, marcado pelos pronomes e verbos de/em terceira pessoa, posicionando-se como um simples observador dos fatos, sem se assumir como personagem. Outra divergência considerável em relação ao conto original é a ausência de um personagem fundamental para o ápice da história. Não há, na escrita do aluno, a figura de um príncipe encantado, que salva a princesa do feitiço da bruxa, com um beijo de amor verdadeiro e vive feliz para sempre com Branca de Neve.

Em sua história, a felicidade de Branca de Neve, que “*voltou para a casa feliz para sempre*”, não está condicionada à figura masculina do príncipe, mas à esperteza do empregado, que oferece à madrasta/mãe biológica o coração do leão. No conto original, o caçador se apieda de Branca de Neve e, de fato, entrega o coração de um animal para a Rainha, mas esta descobre, pelo espelho mágico, que Branca de Neve ainda está viva e elabora o plano da maçã envenenada.

O enunciado de Rafael abandona essa parte da história, deixando o clímax para a ação do empregado, conseqüentemente, eliminando o príncipe e o seu beijo como elementos para a resolução do conflito final, importantes para as histórias contadas por Clara e Mariana, tanto que estas narram esses momentos com o narrador autodiegético, demonstrando maior engajamento com o narrador.

Dessa forma, a felicidade de Branca de Neve, para Rafael, não está condicionada ao relacionamento amoroso com o príncipe, conforme preconizam Schutz e Bello (2019) sobre a fantasia feminina, afastando-o desse outro feminino idealizado na figura da princesa, que é inculcido, de modo sistemático, desde a infância nas meninas (DOWLING, 1984).

Ao contar a história com o narrador heterodiegético, Rafael também não inclui, como já dissemos, a imagem da bruxa. A bruxa, representada por uma mulher velha e feia, é o oposto do ideal de beleza apresentado pela princesa, imposto, de acordo com Carvalho, Oliveira e Carvalho (2020), ao público feminino.

Nas histórias de Clara e Mariana, o momento de encontro com a bruxa e/ou com a maçã é contado com o narrador autodiegético, opondo a si mesmas enquanto princesas (feminilidade e beleza idealizadas) à figura da bruxa (velha, feia e maldosa). Assim, a mudança de narradores

pode apontar, também, a forma como os contos de fada fazem com que as meninas/mulheres não só projetem uma imagem sobre si mesmas, mas, também, sobre outras mulheres (DOWLING, 1984).

Os enunciados de Clara e Mariana, narrados com a flutuação dos narradores hetero e autodiegético, podem indicar a construção da subjetividade dessas meninas no diálogo com o outro (BAKHTIN, 1997; AUTHIER-REVUZ, 2004), em um contexto sócio-histórico em que não somente os ideais de delicadeza, submissão, paciência etc., como, também, de uma beleza idealizada, a partir da figura da princesa, são impostos ao público feminino (CARVALHO; OLIVEIRA; CARVALHO, 2020).

### **Considerações Finais**

Nas narrativas analisadas, é possível observar uma diferença na forma de contar a mesma história, que indica um distanciamento dos fatos narrados, quando a criança se coloca como narrador heterodiegético, ou uma aproximação, quando ela se institui como narrador autodiegético. Nas histórias narradas por duas meninas, foi identificada uma mescla entre essas duas formas, que possibilitou a descrição mais objetiva dos acontecimentos, com pronomes e formas verbais de terceira pessoa, e uma narração mais subjetiva, marcada por formas pronominais e verbais de primeira pessoa.

Assim, confirma-se a hipótese de partida desta pesquisa, já que essa flutuação dos tipos de narradores, de fato, parece indicar uma movência entre um *eu* e um *outro*, marcada nos enunciados escritos com formas da primeira pessoa, quando a criança se assume como personagem e “centro de sua enunciação” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 70), e com formas da terceira pessoa, quando ela descreve os já ditos dos contos de fadas, resgatados do seu trânsito por práticas de oralidade e letramento (CORRÊA, 2004).

Essa forma de narrar uma mesma história, por meio de posições diferentes, com os narradores hetero e autodiegético, é determinada por condições sociais e históricas bem delimitadas: os dois enunciados que apresentaram esse fenômeno foram produzidos por meninas, e, das quatro histórias disponíveis na proposta de produção escrita, somente os textos que foram baseados no conto *Branca de Neve e os Sete Anões* apresentaram a flutuação. Esse resultado parece indicar que a flutuação está ligada a uma possível relação entre o gênero feminino e a identificação com a imagem de princesa, que foi representada nas histórias por meio da projeção das meninas como personagens.

Convém lembrar que essa identificação com uma imagem idealizada do gênero feminino e a conseqüente flutuação nos tipos de narradores não ocorre nas outras narrativas baseadas nos contos *Os Três Porquinhos*, *Chapeuzinho Vermelho* e *O Patinho Feio*, nas quais a personagem principal não é menina ou não é princesa. Além disso, no texto do único sujeito do sexo biológico masculino que escolheu reescrever o conto da *Branca de Neve e os Sete Anões*, não foram encontradas pistas de que esse sujeito tenha se identificado com uma imagem idealizada do gênero feminino sintetizada na figura da princesa, o que nos leva a pensar que ele não se reconhece nessa imagem, nem nos elementos que a constituem.

O fato de as outras narrativas escritas por meninas e baseadas no conto *Branca de Neve e os Sete Anões* não terem apresentado a flutuação nos tipos de narrador faz com que as proposições feitas até aqui não sejam tomadas como uma regra. Podemos afirmar apenas que as flutuações do narrador, observadas nas narrativas infantis analisadas nesta pesquisa, mostram como algumas crianças são afetadas por discursos sobre a princesidade, que concebem o arquétipo da princesa como um modelo ideal de feminilidade (CORREIA, 2010).

Dito de outro modo, algumas crianças são atravessadas, por meio de seus trânsitos por práticas orais e letradas, pela figura da princesa e pelos discursos vinculados a essa personagem, como o amor romântico e os ideais de beleza e felicidade. Esses referenciais atuam na construção das identificações e subjetividades e parecem indicar uma fantasia de algumas meninas escreventes em relacionar-se com a posição da princesa, idealizando-se num conto de fadas, no qual elas atingem os ideais de felicidade, concretizados no relacionamento amoroso com o príncipe encantado.

Nesse sentido, pode-se concluir que as flutuações nas posições do narrador, longe de serem um problema da escrita da criança, constituem lugar de movência da criança entre as posições de um outro e as dela mesma.

## Referências

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-327.
- BARROS, D. L. P. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Org.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: Edusp, 1994, p. 1-6.

BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, C. A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de. (Org.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba: Editora UFPR, 2. ed., 1999, p. 20-41.

CARVALHO, M. V.; OLIVEIRA, E. G.; CARVALHO, M. C. V. “Isso é coisa de menina?” – o reforço de estereótipos femininos nas escolas através da utilização de desenhos Disney. **SCIAS. Direitos Humanos e Educação**. Belo Horizonte, v.3, n. 2, p. 151-168, 2020.

Disponível em:

<<https://revista.uemg.br/index.php/sciasdireitoshumanoseduacao/article/view/5126>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

CORRÊA, M. L. G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 135-166.

CORRÊA, M. L. G. **O Modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CORREIA, R. M. **O arquétipo da princesa na construção social da feminilidade**. 2010. Dissertação (Mestrado em Estudos sobre as Mulheres) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. 2010. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/5980/1/Tese.pdf> . Acesso em: 18 fev. 2022.

DOWLING, C. **Complexo de Cinderela**. 17. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1984.

FILHA, C. X. Era uma vez uma princesa e um príncipe: representações de gênero nas narrativas de crianças. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 591-603, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/z5kp7sqRvrtmYJ4kgrCc8pt/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

REIS, C.; LOPES, A. C. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

SANT’ANNA, A. R. de. **Paródia, paráfrase & cia**. São Paulo: Ática, 2003.

SCHUTZ, A; BELLO, A, T. Toda menina sonha em se tornar uma princesa: problematizações acerca da construção da feminilidade na infância. In: 8º SBECE - **Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação**, Canoas: Ulbra, 2019. Disponível em:

<<https://www.2019.sbece.com.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFteyI7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSVZPIjtzOjQ6IjEwMzUiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiNDJmMjU0NjY2MwQ3OTIwZjQ4YjkwZjdiZGJmNjIzYjkiO30%3D>>. Acesso em: 12 mar. 2022.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TFOUNI, L, V. Perspectivas históricas e a-históricas do letramento. **Caderno de Estudos Linguísticos**, v. 26, p.49-62, 1994.

TFOUNI, L, V; MONTE-SERRAT, D, M. Letramento: isso se aprende na escola? **Revista Caminhos em Linguística Aplicada**, v.9, n.2, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/caminhoslinguistica/article/view/1766>>. Acesso em: 12 mar. 2022.

ZANI, R. Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo. **Em questão**, v.9, n.1, p.121-132, 2003. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/65/25>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

### **Sobre os autores**

*Adriane Karine Mariano Anicias* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-5397-6240>)  
Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora da Educação Básica do Estado do Paraná.

*Cristiane Carneiro Capristano* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-1225-5716>)  
Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de São José do Rio Preto. Professora Associada da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

*Edson Carlos Romualdo* (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-0892-7188>)  
Doutor e mestre em Filologia e Linguística Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), campus de Assis. Professor Associado da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Recebido em fevereiro de 2023.

Aprovado em maio de 2023.